

Somos mesmo laplanchianos em nosso curso?

Daniel Delouya

Quantas vezes, em nosso curso, não lemos Laplanche nas entrelinhas de Freud! Vale a pena explicitar as opções teóricas latentes em muitos seminários e supervisões.

Os cartazes que anunciavam a vinda de Jean Laplanche¹ para São Paulo despertaram em mim, com maior clareza, algumas reflexões não tanto sobre o seu pensamento mas principalmente sobre sua presença constante (nem sempre anunciada e declarada) no Curso de Psicanálise, presença por vezes invisível. É este *entre nós* que eu gostaria de discutir, sem entretanto pretender esgotá-lo: Laplanche como acompanhante terapêutico da leitura de Freud ou como nosso Virgílio neste caminho?

Nossa passagem, na posição de alunos do Curso de Psicanálise do Sedes, foi marcada por um questionamento constante quanto à natureza dele. Nesta via dolorosa, conseguimos reformular o Curso, cuja nova estrutura estamos começando a experimentar. Não vou remexer neste caldeirão; vou apenas apontar que aí está Laplan-

che em plena forma: ele que, a cada semestre dos seus seminários, problematizava a questão da pertinência ou impertinência da formação psicanalítica dentro da universidade. Pode-se cogitar a existência de "Freuds" universitários, e por isso tanto diferentes quanto menores, e outros, importantes e maiores, oferecidos pelas instituições de formação? Não valeria a pena reexpor as tolices, os mitos e os preconceitos dos quais esta questão dá mostra. Melhor seria examinar rapidamente o depoimento do próprio Laplanche sobre seu trabalho. Perceber o Laplanche *entre* nós, e *entre* nós e Freud, permitirá, quem sabe, explorar outros modos de estar com e interpretar (com) Freud: *fazê-lo trabalhar*.

Daniel Delouya é psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae.

1.

Laplanche define seu trajeto como um "... movimento que gosto de figurar por uma *espiral*: passar de maneira cíclica à vertical de certos pontos problemáticos, a cada volta tomando um pouco mais de distância em relação à precedente e desenhando mais nitidamente as opções e as diferenças. É no seio da experiência inaugurada por Freud, experiência indissolivelmente clínica e teórica - eu diria: *filosófica* - que se situa meu pensamento; não para polir as arestas ou aperfeiçoar

da (1970-1984) - e que têm como desfecho o ensaio sobre os *Novos fundamentos da Psicanálise* (1987). Este último serve de base para a *sua* verdadeira *revolução* nesta espiral, com a coletânea *La révolution copernicienne inachevée* (1991), que abriga suas mais recentes elaborações, das quais falou em São Paulo.

Gostaria, agora, à guisa de plano para um futuro trabalho, situar o que me parece estar na origem desta espiral na qual Laplanche se movimentava. Trata-se, evidentemente, da teoria do *apoio*, que Pontalis e ele derivaram da obra de Freud nos

ta teoria o *encontro*, que desperta algo dormente no centro desta mônada, deste ponto ou terra, foi preciso um *fazer trabalhar* de vinte anos para descentrar estes conteúdos, estes *significantes enigmáticos* vindos desta vez de fora, do adulto (também dele ignorados, polarizados - nele sim, há inconsciente) e implantados na criança *também de passagem*, por ocasião destes cuidados, deste apoio...

Percebamos o eixo central que permanece constante na passagem dos dois "senhores", da pré e pós revolução: para Laplanche no início, ou na origem, temos um ser essencialmente biológico, desamparado e frágil, mas que tem a sorte de poder acenar para os adultos. O encontro, cuja função é socorrer - manter em vida este bebê - serve de suporte ou de pretexto para que ocorra na surdina, de passagem, algo tão essencial: nada menos do que um deslocamento ou desvio deste substrato biológico para criar um ser psíquico ou humano. Mas, enquanto o primeiro Laplanche desperta algo de dentro - a sexualidade que se submete ao trabalho de humanização no ambiente dos adultos - o segundo Laplanche fala de um adulto que introduz, que implanta o homem no bebê. Novamente, temos na origem um ser ou sistema biológico em apuros, que depende de socorro ou apoio. Sendo atendido, ocorre o processo - seja por perlaboração de algo de que o próprio bebê é fonte, ou por implantação por aquele que lhe dispensa cuidados - de formação do psiquismo, plano distinto do biológico. Na primeira versão, este é um desvio, fruto de uma brecha que se alarga em relação ao substrato ou estase biológico, enquanto na segunda versão, o impacto vem de fora e implanta-se neste terreno.

Revolução??? Se existe todo este esforço para instaurar o humano sobre novos fundamentos que não sejam os da biologia, não é surpreendente que Laplanche empres-

O que está na origem da espiral de Laplanche é a teoria do apoio, que ele e Pontalis derivaram da obra de Freud nos anos 60.

os detalhes, mas para devolver-lhe a alma"².

Na cabeça desta espiral, temos o estudo sobre o inconsciente redigido junto com Leclaire (1961) e, curvando-se nas novas voltas (*spires*), encontramos o estudo sobre as fantasias originárias (*Fantasia originária, Fantasias das origens, Origens da fantasia*, 1964), que marca o seu distanciamento e o de Pontalis da galáxia lacaniana. Eles preferiram procurar o próprio caminho de volta a Freud, oferecendo-nos o grande *textbook* da psicanálise: o *Vocabulário de Psicanálise* (1967). Mas os movimentos propriamente laplanchianos, que dão corpo a esta espiral, começam com *Vida e Morte em Psicanálise* (1970), seguidos pelas cinco *Problemáticas* - fruto do ensinamento, de mais de uma década

meados dos anos 60. Na origem, temos o ser/não-ser monádico que inspira cuidados, devido às suas insuficiências motoras, mas que sabe gritar para chamar o adulto (função apenas das suas necessidades de sobrevivência física?). É justamente através destes cuidados com fins autoconservacionais que, por acaso (*en passant*), tange-se esta superfície da mônada - arranhasse, por assim dizer, estes "*diabos*" que chamamos de *pulsões*, pousados no centro ou no fundo da mônada. É a sexualidade despertada pelo adulto, o seu percurso e destino neste ambiente, que vão humanizar este ser/não-ser. Bastava uma passagem de um pequeno parágrafo da primeira parte do *Projeto* (1895) para fundar esta teoria *na origem*. Se tínhamos na origem des-

te a metáfora deste fazer justamente ao campo mais antigo das ciências naturais, a astronomia, ou do cenário político onde ela se insere, quando da revolução copernicana? Se tomarmos um modelo polêmico na história política da filosofia, não estaria Laplanche com os conservadores de Atenas - que acusaram e julgaram o pai da filosofia ocidental por perverter as mentes puras e virgens dos jovens, corrompendo-as com idéias que os desviavam da boa cidadania - ao contrário do testemunho do próprio Sócrates, o qual se via como parteira dessas mentes ou como escultor que apenas traz à luz a forma preexistente na pedra? Quem é o conservador: aquele que pelo senso comum, vê no escultor alguém que molda na pedra uma forma preconcebida na mente, ou quem o vê como aquele que desvela algo já preexistente ali, na própria matéria? Atentemos à dicotomia: de fora ou de dentro, nada no meio ou intermediário. Não podendo prescindir da teoria do apoio, ela lhe serve para um fim bastante conservador, que nos vem pelo menos desde Platão: trata-se de deslocar o humano ou o psíquico, e instituí-lo sob novos fundamentos ou em outro plano. Freud não hesitou chamar esta longa tradição de conservadora [“*A humanidade sempre soube que tinha espírito: eu precisei demonstrar que ela também tinha instintos... sempre me ocupei do subsolo... nisto o senhor é conservador e eu revolucionário*”³]. Voltaremos a isto mais adiante. Para usar uma figuração apesar de tudo ptolomaica, eu diria que estes *Novos fundamentos...* encontram-se embrionados na primeira teoria do apoio, nesta mônada, este ponto de origem que projeta pontos invisíveis na vertical, criando o eixo ao longo da qual perpassa a espiral. Mas isto só podemos perceber *après coup*. À parte as brica-deiras, diremos que temos um Laplanche extremamente consistente e homogêneo.

Em que consiste o percurso da espiral, este “passar de forma cíclica..”? Aqui encontramos o grande Laplanche, sua força de atração, sua sedução. É neste *fazer trabalhar* que encontramos os tesouros, estes “belos artigos e objetos arqueológicos”. Como se faz esta arte? Se acompanharmos as *Problemáticas*, nos depararemos com um Laplanche que destrincha o texto, pescando as várias hipóteses, os vários modelos existentes nos textos freudianos, colocando-os em choque etc. De início, ele sempre nos mostra um Freud ousado, revolucionário;

Se mostrarmos antes a partir de que ponto é projetado o eixo da espiral, uma das mais belas e perfeitas (e tratando-se de um filósofo rigoroso, poderia ser de outro modo?), poderemos, então, desvelar estes andaimes ou estes traços invisíveis da planta sobre os quais o arquiteto monta a bela forma, a casa dos seus sonhos, aquela de Laplanche. Não é fácil perfazer este caminho de “volta”, mas não é impossível traçar - a partir de pontos paralelos das curvas sucessivas da espiral - algumas linhas retilíneas, pontes aéreas na vertical e na hori-

Lacan pode descansar em paz: o querido filho quase voltou à casa, após longos anos de *fourvoisement*.

rio; logo, aponta um Freud superficial, um Freud que recua, que sai do caminho, desvia-se (*se fourvoye*), perde a estrela que descobriu, um Freud que se perde de si e encontra-se novamente, embora de forma velada, no que resultou do recalque. Qual é o critério que orienta Laplanche neste percurso?⁴ Como chegou a descobrir, afinal, este Aristarco de Samos que três séculos antes de J.C. era já o precursor de Copérnico, criando uma tradição fundada sob uma *verdadeira descoberta*, mas que logo foi assombrada por um *desvio* (*fourvoisement*) efetuado pela tradição ptolomaica? E tudo isto, não na astronomia mas, *no e dentro do* caminho que Freud percorre, e na história da psicanálise. Percurso tenso de Freud, constantemente oscilando entre momentos da *verdadeira descoberta* e momentos de *descaminho*.

zontal, e resgatar assim esta planta; esta nada mais é do que uma grade, ou melhor, uma peneira extremamente refinada e diferenciada, para separar o joio do trigo. Já expus acima de que matéria é feita esta malha fina, a qual busca eliminar tudo que é estrutural, tópico, dinâmico e econômico além do genético, originário e desenvolvimentista, expurgando tudo o que cheire à biologia - a verdadeira fonte de *metáforas e modelos* para a invenção do aparelho psíquico- para ficar com todo o resto: o humano, o outro, o encontro, etc. (Lacan pode descansar em paz, o querido filho está quase de volta à casa após uma longa temporada de *fourvoisement!*). Apesar de tudo, temos aqui uma malha, grade ou planta, a estrutura de um filósofo, por isso nem mais flexível ou aberta do que um programa genético.

Detivemos-nos neste ponto para mostrar que existe um certo modo, bem consistente, com o qual Laplanche trabalha ou faz trabalhar Freud. Para dar um pequeno exemplo, vejamos como se faz a distinção dos conceitos pulsão/instinto em Laplanche (Cf. *Vida e Morte*.. 1970). Laplanche nos diz que o instinto difere da pulsão por pertencer ao modo da necessidade biológica que se faz segundo linhas pré-formadas do mundo natural (objeto fixo etc.). Esta é uma interpretação possível a partir de Freud; mas em nenhum

É interessante como tal mito opera nestas formulações que permeiam tanto os escritos de freudianos e lacanianos - esta dicotomia natural/humano que, nos lacanianos, traduz-se biológico/linguagem: o natural como fechado, préformado, em contraste com a nadificação da linguagem ou do desejo. Apesar desta "difamação", tanto Laplanche precisa deste biológico para promover o encontro, como os lacanianos precisam da articulação entre o *real* da pura excita-

modos possíveis de trabalhar Freud: um fazer trabalhar, decerto, fascinante e rico, que explora tesouros preciosos da obra de Freud. Basta pensar neste último desenvolvimento da teoria generalizada da sedução, com seu corolário importantíssimo, que é o trabalho centralizado em torno da carta 52/112: a teoria da tradução como a elaboração da temporalização psíquica, um novo aprofundamento, entre outros, do conceito de *après coup* que Lacan, e Laplanche depois, destacaram há muito tempo em Freud..

2.

Em Laplanche, já existe a pré-concepção de dois mundos, segundo as dicotomias clássicas da filosofia - natural/humano, biologia/psique.

momento Freud formula assim a diferença. No primeiro momento, Freud caracteriza a pulsão com suas quatro vertentes (*Três ensaios...* 1905), e não fala dos instintos. A leitura de Laplanche seria a de Freud, se este último colocasse pulsão e instinto numa relação de oposição, de forma tal que o negativo de qualquer predicado da pulsão fosse o predicado correspondente do instinto. Este não é o caso, já que a diferença foi atribuída apenas ao *representante* presente na pulsão e ausente no instinto (Freud, *Dois princípios...* 1915). Em Laplanche, existe já a preconceção de dois mundos segundo as dicotomias clássicas da filosofia -natural/humano, biologia/psique - leitura que comporta em germe toda esta planta da qual falamos acima.

ção pulsional com a linguagem, para por a cadeia significante em movimento, criar o desejo (Cf. Garcia-Roza, *O mal radical em Freud*). Não seria uma contradição falar sobre um componente de um mundo *preformado* - um ser *biológico* ao mesmo tempo *desamparado* ou com *falta* - que se chama *o Homem*? E mais, questionamos este grito que teria como fim necessidades biológicas; quem nos garante que, já neste grito, não há moções pulsionais, como também na disposição do atendimento por parte do adulto? A exigência "religiosa" desta teoria é que tudo que é humano advenha de fora, do outro. Não era minha intenção apresentar uma crítica detalhada do pensamento de Laplanche, mas mostrar que se trata de um dos

O que me motivou a escrever estas linhas, em homenagem à vinda de Laplanche, é uma série de cenas vividas no âmbito de um curso de formação, e sua articulação com outra série de cenas, vivenciadas há mais de uma década, nos meus anos de colégio (esta experiência de articulação de dois cenários espaçados no tempo é, certamente, um dos componentes desta pérola da teoria da tradução que encontramos na nova coletânea de Laplanche). Tínhamos, neste colégio, um acompanhante *imprescindível* para cada matéria: nas aulas sobre o Antigo Testamento (que nos tomava uma carga horária considerável e uma grande importância naquele país), Rashi, Kasuto ou Kauffmann; para História um tal de Horowitz; para História da Arte, Gombrich. Durante alguns anos, as aulas de Bíblia tornaram-se para mim uma verdadeira tortura, e o professor, um verdadeiro estragaprazeres - já que eu era um amante sincero dos textos bíblicos. A timidez ou a fobia (e a preguiça também) impediam-me a consulta dos espessos volumes de Kauffmann e Rashi que se encontravam na biblioteca pública. Mas, mesmo quando superava (ou fui obrigado a superar) estas inibições, nem sempre

achava relevância nas interpretações de um certo Kauffmann, o qual tinha uma leitura árida e historiosófica da Bíblia. O que fazer se este grande Kauffmann era justamente aquele que meu torturador encontrava nas mais belas linhas do texto bíblico? Felizmente, existiam outros além de Kauffmann, embora nenhum que valesse o quanto valeu a leitura de Laplanche como acompanhante da leitura de Freud. Mas, acima de tudo, o próprio texto - tanto o bíblico como o de Freud - jamais pode ser substituído ou esgotado por um intérprete.

As cenas evocadas de longa data eram assim os sinos de alerta, nas várias situações dos seminários que compõem nosso programa de formação. Presenciei falas e posições nas quais há articulações implícitas de Laplanche, porém atribuídas a Freud: os instintos têm um objeto fixo; as pulsões vêm da mãe; etc.. Contaram-me que alguns professores diminuía a importância, nos seus programas de seminário, do texto de 1920 (o grande recuo de Freud, segundo Laplanche). Felizmente, a leitura de Freud é prazerosa e muito clara, mas não é difícil ficar desatento, por comodismo, à presença de um Lacan à la Bleichmar, ou à la Masota, etc. Já com Laplanche, não é sempre fácil efetuar esta *mise à l'écart* de Freud, e é por isto que me parece útil escrever estas linhas. E mais: é justamente este modo de trabalhar Freud, propondo identificações abusivas, que ele, Laplanche, não tolera. Seria bom lê-lo com muita atenção, para perceber que ele conscientemente, e a cada frase, coloca-se à distância de Freud, ao contrário de certas adesões cegas e fragmentárias às suas idéias. Neste contexto, gostaria de destacar dois méritos de Laplanche, facilmente detectáveis no seu fazer trabalhar Freud, e que dizem respeito ao modo de filiação e parentesco no seio da comunidade analítica; questões intimamente ligadas à formação e, portanto, à

nossa ligação com Laplanche.

Mais do que em outros grupos sociais e na organização de outras práticas, o movimento psicanalítico abrigou, no seio das suas associações, vínculos com um forte colorido ciumento, vínculos que, muitas vezes, lembram organizações tribais primitivas; e isto não só nos corpos oficialmente organizados. Tentar justificá-las, reduzindo-as apenas à natureza das mobilizações transfe-rencias implícitas na formação, comporta perigos que já prejudicaram o avanço de nossa disciplina.

mestre ou do rabino consiste em poder perguntar e problematizar. Na história dela o fio das gerações é marcante: cadeias de mestres dão vez a alunos que, por sua vez, transformaram-se em mestres para novos alunos: a ligação "aluno de" distingue e marca a diferença, bem como a continuação entre pais e filhos. É graças a Lacan que a geração atual de analistas franceses inclui figuras tão distintas, sendo Laplanche uma delas.

É interessante e triste que uma certa relação com este mestre, tal-

Com Laplanche, nem sempre é fácil efetuar o distanciamento entre ele e Freud, ao contrário do que ocorre com outros comentadores.

Desde Lacan assistimos à continuação de duas modalidades ou formas de filiação que, paradoxalmente, estão ligados ao seu nome e à sua escola. A primeira tem história e tradição antigas, suas raízes ancoradas no Mediterrâneo, na tradição talmudista. Lacan é certamente o responsável pela instauração deste espírito de trabalho no campo psicanalítico: a proximidade ao texto, a exegese da leitura, o gosto especial pela problematização do sentido, o gosto e o prazer pela "querela" filosófica, isto é, a procura das questões. Aberta aos ventos do mar, ela vem abrigando idéias vizinhas e posições decerto distintas e contraditórias. Mas nela podemos traçar as filiações particulares, as diferenças entre mestre e aluno, pais e filhos. No seio desta tradição, basicamente oral, a função ou o ensinamento do

vez estimulada por ele, tenha dado origem a uma segunda tradição-traição, a um certo lacanismo que contradiz o próprio termo de "filiação". A este modo de parentesco chamarei de "guruísmo". O guru ganha adesões, embora se saiba pouquíssimo sobre ele; ele é tudo, e portanto é nada. Seus fiéis transmitem algumas frases-chave; basicamente, ele é grande e fonte de luz. Não tem filhos, apenas serviçais que nos compelem a aderir à fonte da *Verdade* - esta imagem completa, que não necessita de herdeiros ou verdadeiros continuadores marcados pela diferença.

Se é verdade que as duas tradições foram herdadas e transportadas para nossas formas de filiação, a segunda encontrou um terreno mais fértil em nosso meio, seja por circunstâncias históricas e culturais

que nos submetem passivamente às fontes da luz de origem européia, seja por outras razões. O fato é incontestável, não só no nosso meio mas nos próprios Jerusaléns da psicanálise. Fabio Herrmann observou e criticou este fenômeno, utilizando-se da descrição das estátuas, cópias exatas uma da outra encontradas amontoadas, em vários estágios de formação, na ilha de Páscoa⁵. Discordo entretanto dele, quando alerta para a assustadora repetição de kleinianos, lacanianos e bionianos, mas inocenta os chamados freudianos, diferenciando a "simples imitação da forma estilística" dos primeiros e a "reprodução do ato criativo" dos últimos (p.132). A adesão guruísta tem as mesmas feições, independentemente do nome do guru - é irônico que entre herrmannianos, os adeptos de uma figura criativa, crítica e sensível ao fazer analítico, existam reproduções que nada de *maná* têm. O laplanchismo, batizado de freudismo, pode vir a ter o mesmo destino entre nós. Vale enfatizar que tal adesão é nefasta ao espírito intelectual de Laplanche e ao seu modo de trabalhar o texto de Freud.

Antes de finalizar estas linhas dedicadas a Laplanche, gostaria de mencionar mais um ponto relacionado à maneira com que ele problematiza o texto freudiano. São inerentes à filiação rabínica o conhecimento da opinião do outro, a abertura ao diálogo, o questionamento dos detalhes, o debate, a derivação crítica das conseqüências do seu discurso, e o enriquecimento da argumentação próprio da articulação entre posições opostas ou semelhantes que têm como referência o texto de origem. De outro lado, na segunda tradição, a imagem do guru, cujos contornos são sempre ameaçados de ruptura, o outro é odiado. E como tão pouco se conhece do próprio guru, ignora-se o que o outro tem; enquanto o guru é grande, o outro é (na imagem inversa) pequeno, achatado, desva-

lido - a negação de tudo que é bom no idealizado guru. Os outros são catalogados segundo feições uniformes, própria da imagem narcísica de si (pouco importa se os trabalhos da escola da *psicologia do ego* tenham sido só folheados ou jamais consultados, é preciso afirmar que a psicanálise americana é a própria negação da descoberta freudiana, que Melanie Klein é a encarnação de um biologismo nefasto, que Winnicot não é Psicanálise).

O grande mérito de Laplanche é esta leitura minuciosa de vários

exceção de poucos - é rara no nosso meio a citação-sequer é feita a discussão minuciosa de um colega contemporâneo. A conversa é geralmente com autores europeus. Ficamos admirados, para dar um exemplo, pela ausência de qualquer discussão séria, entre nós, das contribuições de Isaias Melsohn, Jurandir Freire Costa e Fabio Herrmann (e outros) para nossa disciplina. Não há sequer uma resposta à crítica herrmanniana do inconsciente freudiano, mesmo passados mais de quinze anos desde o aparecimento dos *Andaimos do Real*.

A adesão cega ao
"laplanchismo"
batizado de
"freudismo" é nefasta
ao espírito do
próprio Laplanche.

autores, de várias escolas (inclusive a americana do começo do século e a contemporânea), e de muitas áreas ao longo de várias gerações: quantos já leram, e com atenção, *O trauma do nascimento* de Rank, após a crítica de Freud em 1926, e ainda dedicaram-lhe mais de quarenta páginas de discussão? (C.f. *Problemáticas 3*). A intercalação de um diálogo constante no seu trabalho coloca principalmente em destaque a viva conversa com seus colegas franceses - é raro não encontrar uma discussão de uma obra relevante do seu meio cultural. À

NOTAS

1. Este artigo foi escrito em forma de nota, pouco antes do evento "Jean Laplanche em São Paulo", organizado pelo Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae. Concluí o Curso de Psicanálise nesta instituição em dezembro de 1993.
2. Da introdução à coletânea *La révolution copernicienne inachevée*, Aubier, 1991.
3. Carta a Binswanger 1927.
4. Este percurso crítico de Laplanche, que introduz e recupera a teoria da sedução em Freud, encontra-se no artigo introdutório da sua última coletânea. Uma tradução em português deste artigo foi preparada por M.S. Dewick e M.L.C. Costa para o evento em São Paulo. Vale frisar que Laplanche tem aqui como centro de referência o artigo de Freud (1917) "Uma dificuldade no caminho da psicanálise". É bom lembrar que Freud se refere a uma ferida narcísica ou humilhação, quando fala de Copérnico ou de Darwin. Laplanche emprega o termo *revolução* tanto no sentido político de ruptura como no sentido de "revolução das estrelas em torno de" em Copérnico, como conceito heurístico para a sua teoria generalizada da sedução.
5. "O porquê e o tempo na terra de Hotu Matu'a", in *O diivã a passeio*, Brasiliense, 1992.